

AS MUITAS FACETAS DA ALFABETIZAÇÃO

FERNANDA FERNANDES PIMENTA DE ALMEIDA LIMA¹

¹Universidade Estadual de Goiás (UEG), Inhumas, GO - Brasil.

SOARES, Magda B. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1358/1359>.

O texto *As muitas facetas da alfabetização*, publicado há mais de trinta e cinco anos, resgata, de modo bastante didático, o princípio de que a alfabetização está visceralmente vinculada a ações que se oponham a retrocessos políticos, culturais e econômicos que tentam precarizar a sociedade. O texto estrutura-se composicionalmente em parágrafos curtos e linguagem objetiva que discutem os condicionantes do processo de alfabetização, a complexa natureza desse fenômeno e suas implicações educacionais. Magda Soares (1985) propõe analisar essa questão, refletindo sobre as diferentes facetas da alfabetização que exigiriam, para além de uma integração dos estudos e pesquisas que lhe são remissivos, o fundamental diálogo entre conhecimento, política e educação.

Em seu espectro de ação teórica e política, o texto discute algumas das principais perspectivas em que o fenômeno da alfabetização pode ser estudado. Nesses termos, Magda Soares (1985), com o espírito vívido e o olhar à frente do seu tempo, agrupa-o, em sua composição, sob o enfoque de três categorias: o *conceito* de alfabetização, a *natureza* do processo de alfabetização (aspectos psicológico, psicolinguístico, sociolinguístico e propriamente linguístico) e os condicionantes desse processo (pressupostos sociais, culturais e políticos) (SOARES, 1985, p. 19).

Entre informações relevantes e conceituais, a autora aborda a diferença entre *aquisição da língua* (oral e escrita), como um processo finito, e o *desenvolvimento da língua* (oral e escrita), como um processo ininterrupto, em vias de completude. Ressalta a etimologia do verbo alfabetizar que significa, de modo conciso, levar à aquisição do alfabeto e estende o olhar sobre a definição de alfabetização como um “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e de escrita”. (SOARES, 1985, p. 19). Ao partir de dois exemplos ilustrativos, quais sejam: 1) *Pedro já sabe ler. Pedro já sabe escrever* e 2) *Pedro já leu Monteiro Lobato. Pedro já escreveu uma redação sobre Monteiro Lobato*, Soares considera que, no exemplo 1, no qual se fundamenta o método fônico, *ler* e *escrever* significam o

domínio da mecânica da língua escrita; nessa perspectiva, alfabetizar-se significa a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever). Alfabetização seria, assim, um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler). Já no exemplo 2, no qual se fundamenta o método global, *ler* e *escrever* significam apreensão e compreensão de significados expressos em língua escrita (ler) ou expressão de significados por meio da língua escrita (escrever). Isso estende o sentido da alfabetização que sai de uma fronteira limítrofe de mera aquisição da leitura e da escrita e passa a ser um processo de compreensão e expressão de significados.

A autora ampara-se no conceito de Sônia Kramer (1982), para entendermos que alfabetização:

[...] é um processo de representação que envolve substituições gradativas (“ler” um objeto, um gesto, uma figura ou desenho, uma palavra) em que o objetivo primordial é a apreensão e a compreensão do mundo, desde o que está mais próximo à criança ao que lhe está mais distante visando à comunicação, à aquisição de conhecimentos, à troca. (KRAMER, 1982, p. 62 apud SOARES, 1985, p. 19-20).

Com base nessas considerações, Soares (1985, p. 21) ressalta que não se pode considerar alfabetizada uma pessoa que seja capaz apenas “de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros”, até porque a língua escrita não é uma mera representação da língua oral. Estas são situações diferentes de expressão da língua, o que as faz variar seriam os contextos de comunicação em que se situam os falantes, bem como os modos de expressão e compreensão que estão em exercício ou que são mobilizados nesses processos. Então, a esses dois pontos de vista ou processos (um mecânico e um outro de expressão e compreensão de significados), que são mais individuais, a autora soma um terceiro ponto de vista. Voltado para o aspecto social, o conceito de alfabetização estaria relacionado a características culturais, econômicas e tecnológicas. Com a designação de *alfabetização funcional* utilizada pela Unesco para países subdesenvolvidos, entra em cena um conceito social de alfabetização.

Assim, uma teoria coerente da alfabetização consistiria em uma inter-relação conceitual entre processos que abrangeriam a abordagem mecânica do ler e escrever, a língua escrita como meio de compreensão e expressão, e “com especificidade e autonomia em relação à língua oral, [...] e os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita” (SOARES, 1985, p. 21).

Alfabetização é, portanto, um conjunto de habilidades, cuja natureza é complexa e multifacetada. Tal multiplicidade possibilita a existência de diferentes posturas teóricas que privilegiam habilidades diferentes e que nem sempre dialogam entre si. Assim, uma teoria coerente de alfabetização, segundo a autora, deveria envolver diferentes facetas que aqui remetem a perspectivas teóricas, como: *psicológica*, *psicolinguística*, *sociolinguística* e *linguística*.

A perspectiva *psicológica*, sob uma postura cognitivista, observa as relações entre os aspectos fisiológicos, neurológicos e os aspectos psicológicos da alfabetização. Nesta perspectiva, as disfunções no processo de alfabetização ganharam diagnósticos, como: afasia, dislexia, disgrafia, disortografia (é a dificuldade do aprendizado e do desenvolvimento da habilidade da linguagem escrita expressiva. Esta dificuldade pode ocorrer associada ou

não à dificuldade de leitura, isto é, à dislexia), disfunção cerebral mínima, entre outros. Tal proposta dialoga com os estudos de Jean Piaget ao estudar os processos de aquisição do conhecimento. Emília Ferreiro situa-se nessa linha de pensamento, ao realizar investigações sobre os estágios de conceptualização da escrita e o desenvolvimento da lectoescrita na criança. A lectoescrita é o sistema de leitura e escrita que tem um valor social, pois é adquirindo o saber que podemos ser sujeitos da nossa aprendizagem. No esteio dos estudos acima está a perspectiva *Psicolinguística*, voltada à análise de problemas, como a caracterização da maturidade linguística da criança para a aprendizagem da leitura e da escrita. Ainda pouco desenvolvida no Brasil, tem Mary Kato como representante. A perspectiva *Sociolinguística* vê a alfabetização como um processo estreitamente relacionado com os usos sociais da língua. A autora aqui ressalta algo muito relevante para o entendimento dessa perspectiva que é a questão remissiva às diferenças de objetivos da aprendizagem.

As funções e objetivos atribuídos à leitura e à escrita pelas classes populares, e a utilização dessas habilidades por essas classes são, inegavelmente, diferentes das funções e objetivos a elas atribuídos por outras classes favorecidas, e da utilização que delas fazem estas classes. Essas diferenças alteram, fundamentalmente, o processo de alfabetização, que não pode considerar a língua escrita meramente como um meio de comunicação “neutro” e não contextualizado; na verdade, qualquer sistema de comunicação escrita é profundamente marcado por atitudes e valores culturais, e pelo contexto social e econômico em que é usado. Portanto, a alfabetização é um processo de natureza não só psicológica e psicolinguística, mas também de natureza sociolinguística. (SOARES, 1985, p. 22).

Nessa perspectiva é preciso considerar o sujeito em sua posição social. É como se o alfabetizador devesse ir aonde o alfabetizando está. É preciso alcançá-lo nas condições sociais, físicas e regionais em que ele se encontra. Essa não é uma tarefa fácil, pois é confortável partir do princípio de que temos um público homogêneo, o que facilitaria a alfabetização. Mas, não, o caminho é de diferenças, pluralidades, muitas vezes entendidas como pedras que devem ser retiradas do caminho, ou circunscritas e silenciadas aos morros, periferias e favelas. Não há completude nesse processo e nem facilidades, o que há são desafios.

Por fim, a alfabetização é um processo de natureza *Linguística*, em que se observa a transferência da sequência temporal da fala para a sequência espaço-direcional da escrita, e de transferência da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita (SILVA, 1981 apud SOARES, 1985). Acrescente-se que esse processo não se dá de modo unívoco, nem homogêneo. É preciso que se considere a complexidade dessa “transferência” da fala para a escrita, especialmente no que remete às condições em que a fala ocorre, em que a escrita ocorre.

Portanto, no processo de formação do alfabetizador, é necessário que se articulem todas as facetas, como: a Psicológica, a Psicolinguística, a Sociolinguística e a Linguística, bem como e principalmente os condicionantes sociais, culturais e políticos desse processo. Essa articulação convoca o alfabetizador a exercer uma postura política “diante das implicações ideológicas do significado e do papel atribuídos à alfabetização” (SOARES, 1985, p. 24). Isso demanda ação, atuação política, consciência social e ideológica do sujeito que alfabetiza e, por extensão, daquele que se pretende alfabetizar, relacionando o seu mundo, suas vivências, seu contexto enunciativo à construção do seu conhecimento.

A relevância do texto sobreleva-se à sua temporalidade, embora publicado há quase quarenta anos, é uma produção que se reatualiza pelo alcance de sua discussão e pelo teor de intervenção teórica e política que carrega. Para além das fronteiras da Educação, o texto demonstra que alfabetizar não é um processo isolado nem teoricamente e nem politicamente, pois deve fornecer a chave da leitura da sociedade, da realidade e da liberdade. É embrear o sujeito na educação capacitante, para que este consiga embrear-se, também, na capacidade de ser livre por meio do conhecimento que constrói. É um processo conjunto que deve promover um diálogo contínuo com a multiplicidade de perspectivas que, isoladamente, perdem força e, em seu esteio, perdem a razão de construir de modo profícuo o processo de alfabetização.

DADOS DA AUTORA

FERNANDA FERNANDES PIMENTA DE ALMEIDA LIMA

Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG – UNUINHUMAS), Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
E-mail: ffpalima@uol.com.br.

Submetido em: 01-09-2022

Aceito em: 05-04-2023